



I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021



Vivências do Seringueiro na Imprensa Amazonense: Um Panorama das Representações (1890-1920)¹

Daniel Barros de LIMA²
Faculdade Boas Novas, Manaus, AM

Resumo

Esta comunicação tem por objetivo analisar as múltiplas representações produzidas pela imprensa amazonense acerca do seringal e do seringueiro, flagrando uma pluralidade de dimensões dessa presença e vivência no contexto amazônico. Assim, a pesquisa acompanha tanto o debate em torno do processo migratório, buscando lançar um olhar perscrutador sobre suas dimensões e motivações, além de priorizar as imagens produzidas pela imprensa acerca dos dilemas derivados da adaptação do nordestino tanto diante de um meio ambiente hostil, quanto diante de um processo de trabalho escorchantes, e suas práticas de resistência.

Palavras-chave: Cotidiano; Seringueiro; Imprensa; Representação.

Introdução

A pesquisa histórica no interior da Amazônia tem possibilitado a construção de inúmeros trabalhos evidenciando o protagonismo de importantes sujeitos históricos, trazendo a tona novos olhares e debates sobre questões históricas decisivas para a compreensão daquilo que chamamos de a formação e o desenvolvimento da região amazônica. Essa análise pode recuperar, para além dos tradicionais discursos historiográficos, a discussão sobre importantes assuntos daquilo que geralmente está pronto pra ser esquecido, ou que talvez já esteja esquecido.

Nesse artigo propomos analisar o processo de migração nordestina para a região amazônica durante o período onde a atividade gomífera dava o tom econômico à região amazônica. Neste recorte de tempo e espaço, figura o seringueiro³ como principal sujeito social da região nesse momento, sobre o qual buscamos um olhar diferenciado, bem como sobre a

¹ Trabalho a ser apresentado no GT 4 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

² Doutor em Teologia (PPG-EST) e Mestre em História Social (PPGH-UFAM). Faculdade Boas Novas. Manaus-AM. E-mail: daniel.barros@fbnovas.edu.br

³ Em seu artigo intitulado “Movimentos sociais dos seringueiros e a Resex Chico Mendes”, Gisele Souza define o seringueiro como o indivíduo que organiza e executa a atividade de extração de látex da árvore da seringueira (*hevea brasilienses*) e realiza sua transformação em borracha natural.



**I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021**



categoria de trabalhadores que integra, estabelecendo uma análise de suas possíveis representações na imprensa amazonense, no fim do século XIX e início do século XX.

Em meados do século XIX a utilização da borracha foi aprimorada, isso possibilitou a ampliação de seu uso como matéria-prima na produção de correias, mangueiras, sapatos, pneus, entre outros. A produção gomífera desse período representou uma grande parte das exportações brasileiras,⁴ além de representar um importante fator para o crescimento econômico e demográfico da região amazônica. Ainda que tenhamos clareza do fato da imensa propulsão demográfica trazida pela atividade ligada à borracha, não podemos incorrer no erro de pensar que a borracha atuava sozinha neste contexto econômico, pois é perceptível através da luz trazida pela nova historiografia local⁵ o alerta para a diversidade de formas de produção vivenciada na região amazônica nesse período, onde a borracha aparece como um fenômeno em determinada conjuntura, sendo difícil tomá-la como definidora da estrutura.

Dessa forma, buscamos apresentar uma nova abordagem, ou versão dos fatos, trazendo à tona uma história que não é contada, que segundo Edward P. Thompson,⁶ por muitas vezes “os becos sem saída, as causas perdidas e os próprios perdedores são esquecidos”.⁷ Na conceituação de Roger Chartier,⁸ as representações geram identidade para o indivíduo e para o grupo, e são portadoras do simbólico, que é construído social e historicamente,⁹ e que Sandra Pesavento chama de “a presentificação de um passado ausente”.¹⁰ Uma vez que a representação está relacionada à formulação de experiências do passado que sejam compreensíveis e plausíveis ao presente, é possível resgatar as representações daquilo que já fora representado no passado, a saber, as representações do seringueiro.

⁴ OLIVEIRA, José Aldemir de. *Manaus de 1920-1967: A cidade doce e dura em excesso*. Manaus: Valer, 2003. p.37.

⁵ SAMPAIO, Patrícia Maria Melo. *Os Fios de Ariadne: tipologia de fortunas e hierarquia sociais em Manaus: 1849-1880*. Niterói, 1993. Dissertação de Mestrado, 1994. UFF: Niterói, 1994. (Como exemplo dessa historiografia)

⁶ Edward P. Thompson foi um historiador marxista inglês, representante da nova esquerda que buscou em seus trabalhos historiográficos dar voz a homens e mulheres esquecidos nas análises de historiadores marxistas afinados com as teorias estruturalistas. Para tal, buscava perceber através da luta de classes, a formação de experiências históricas do operariado inglês do século XVIII.

⁷ THOMPSON, E. P. *A formação da Classe Operária Inglesa*. Vol.1 São Paulo: Paz e Terra, 6ª ed. 2011. p.14.

⁸ Roger Chartier é um historiador francês vinculado à atual historiografia da Escola dos Annales. Uma das contribuições decisivas de Roger Chartier para a História Cultural está relacionada à elaboração das noções complementares de “práticas” e “representações”.

⁹ CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. *Estudos avançados* 11(5), 1991. p.177.

¹⁰ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. São Paulo: Autêntica, 2008. p.40.



A imprensa amazonense na virada do século XIX

Em sua tese de doutorado, Maria Luíza Pinheiro nos apresenta uma imprensa riquíssima na virada do século XIX para o século XX, com verdadeiros arquivos do cotidiano, que servem assim, para pôr fim ao que ela chama de “silêncio documental” sobre os segmentos populares, principalmente sobre os trabalhadores urbanos e menos favorecidos da cidade e do campo. Essas fontes jornalísticas podem se tornar contrapontos importantes ao discurso oficial dos fatos que é pautado sobre os mecanismos vigentes de controle e dominação, pois podemos visualizar uma sociedade bem mais complexa e problemática que aquela projetada pela crônica memorialista ou por uma historiografia conivente com os processos e interesses dos grupos dominantes.¹¹

Podemos enfrentar as fontes atentos ao poder do discurso nelas imbuídas e carregadas de interesses por parte de quem as escreve, por isso Maria Luíza Pinheiro também afirma que “o discurso jornalístico possibilita a percepção das tensões e conflitos que permeiam a própria sociedade”,¹² é por onde era possível perceber as múltiplas dimensões do viver social. Assim, a imprensa diária representava um contraponto de pluralidade de discursos, que quebra essa chamada visão monolítica de imprensa.

É nessa imprensa cotidiana na virada do século XIX para o XX, que Maria Luíza Pinheiro em sua obra “A cidade sobre os ombros” nos informa da presença de trabalhadores (cocheiros, catraieiros, estivadores, carroceiros, peixeiros, condutores, etc) que eram citados na imprensa amazonense, e que traziam consigo a exploração das contradições do universo do trabalho.¹³ Dentre esses trabalhadores, inferimos também a presença do seringueiro, uma vez que o mesmo representou a principal mão de obra trabalhadora na extração do látex da borracha dos seringais da Amazônia.

Tanto a menção dos trabalhadores quanto as variadas perspectivas das notícias nos jornais da cidade nos permitem o vislumbre das suas vivências sob essas perspectivas. A partir das informações encontradas na imprensa, nas notícias do cotidiano amazonense, podemos

¹¹ PINHEIRO, Maria Luíza Ugarte. *Folhas do Norte: letramento e periodismo no Amazonas, 1880-1920*. São Paulo, 2001. Doutorado em História, 2001. PUC-SP, 2001. p. 7.

¹² PINHEIRO, 2001, p. 7.

¹³ PINHEIRO, Maria Luíza Ugarte. *A Cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no porto de Manaus (1889-1925)*. Manaus: EDUA, 1999. p. 4.



**I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021**



perceber muitas representações do seringueiro, como matrizes que geram as práticas sociais e os comportamentos, e que dão coesão e explicação para a realidade.

Nesse universo de perspectivas dos discursos da imprensa, encontramos diários predominantes que parecem ter sido porta-vozes de uma elite local que buscava apresentar uma Manaus cosmopolita, bela e rica.¹⁴ E também identificamos uma imprensa, chamada muitas vezes de imprensa operária, que em seus periódicos podiam oferecer a visão contrária de um cenário marcado por tensões, manifestações e reivindicações.¹⁵

A imprensa amazonense de fins do século XIX e início do século XX, como já dissemos, constitui um universo denso e rico de fontes, que se transformam em representações próprias do cotidiano da cidade, do interior, do trabalho, e do seringueiro como um sujeito social ativo desse período. Podem ser destacados aqui o acervo do “Jornal do Comercio” tradicionalmente ligado a grupos dominantes, mas que encontramos fragmentos de interesse popular como as sessões *Coisas Policiais* e *Queixas do Povo*, e que se torna o principal diário do período, cobrindo ininterruptamente os períodos, por assim dizer, de expansão e crise da economia da borracha. O Jornal “O Mariauense” do coronel José Antonio Nogueira Campos, dono de seringais em Barcelos/Am; O “Diário Oficial” que era jornal pertencente ao estado federado do Amazonas, onde infere-se a presença do seringueiro sempre na coluna de *segurança pública*; O Jornal “Quo Vadis”? representa um periódico que buscava dar voz a pessoas comuns, se apresentava como órgão de interesses populares. O Correio do Purús que era órgão pertencente a M. Freire & Ca. uma associação que acompanhava mais de perto as movimentações do trabalho e dos seringais do interior do Amazonas. E o jornal “A Capital” do Dr. Epaminondas de Albuquerque, intelectual de Manaus, que em seu interior trazia notícias associadas a tragédias envolvendo o seringueiro em sua relação com outros seringueiros e outros agentes.

Todos esses diários são fontes riquíssimas onde estamos encontrando diversas representações do seringueiro e constituem um arcabouço valioso para o desenvolvimento de nossa pesquisa no mestrado.

¹⁴ Como exemplo, podemos citar: “O Mariauense” de José Antonio Nogueira Campos; “Cidade Cabocla” de Genesino Braga; “Porta do El Dorado” de Clovis Barbosa; “Cidade Risonha” de Raul de Azevedo. Jornal do Comercio de Vicente Reis (fundado por J. Rocha dos Santos).

¹⁵ Como exemplo pode-se citar: Quo Vadis?; Comercio do Amazonas; Correio do Norte; Lucta Social, entre outros.



Vivências e Panorama das representações do seringueiro na imprensa

Como sujeito social, o seringueiro pode ser interpretado sob o conceito de “experiência” de Edward Thompson, no qual busca recuperar o papel ativo do sujeito social estabelecendo sua própria história, que não deixará de ser responsável por sua condição a partir de suas próprias ações, o que também pode ser inserido na chamada recuperação das dimensões do “fazer-se”.¹⁶

Alguns autores que estudaram a região amazônica trazem uma reflexão sobre as tensões e movimentações do seringueiro. Em sua obra “A Cidade, o Teatro, e o Paiz das seringueiras”, Ana Maria Daou destaca as muitas trajetórias de vidas desses indivíduos que migravam para a Amazônia. Elas foram incorporadas a um novo estilo de vida e de novas atividades de inserção social. De modo geral eram profissionais liberais, estudantes, comerciantes envolvidos com negócios ao longo dos rios e nas cidades do interior, e especialmente homens relacionados ao recrutamento de trabalhadores para os seringais, assim, como também, um fluxo de nordestinos em menor grau incorporado à elite de Manaus. A escolha de Manaus foi valorizada por seu valor “simbólico”.¹⁷

Em sua obra “História Econômica da Amazônia”, Roberto Santos fala da falta de escassez de mão-de-obra na região, de soluções postas em ação para resolver o problema, e afirma que “o braço externo de sustentação da atividade extrativista e agrícola, foi por excelência o nordestino”.¹⁸ A forma como se orientou essa corrente migratória deve ser estudada e analisada com cautela e ponderação. Mas, é desse universo de populações advindas para o Amazonas que se encontram os homens que posteriormente se tornarão os trabalhadores da borracha, que Arthur Reis os classifica como o “brabo e o seringueiro”.¹⁹

A partir daqui queremos visualizar na imprensa, um todo, em nuances de notícias, onde podemos encontrar imagens e representações do seringueiro ou daquilo que se refere a ele em diversos aspectos de sua vivência quer seja no seringal ou na ambiência da cidade. O Jornal “A

¹⁶ THOMPSON, 2011. p.9.

¹⁷ DAOU, Ana Maria Lima. *A Cidade, o Teatro e o Paiz das Seringueiras: práticas e representações da sociedade amazense na virada do século XIX*. Tese de Doutorado, 1998. UFRJ: Rio de Janeiro, 1998. p.109-111.

¹⁸ SANTOS, Roberto. *História Econômica da Amazônia (1800-1920)*. São Paulo: Quirós, 1980. p.97.

¹⁹ O brabo é o nordestino novato nas operações de extração do látex. Recém-chegado ao seringal, desconhece as técnicas de trabalho bem como os segredos da mata. Vencida essa fase, atinge a condição ambicionada de seringueiro, assim assimila, incorpora e dá cor definitiva à paisagem humana do seringal (REIS, Arthur Cezar Ferreira. *O Seringueiro e o Seringal*. 2ª ed. Manaus: Edua, 1997. p.226-227).



**I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021**



Constituição”, órgão do partido conservador, traz a notícia estampada na seção “Diário do Gram-Pará” informando tanto a situação que se encontrava o Ceará na grande seca de 1877, quanto a atitude que tomavam essas populações:

São do dia para dia mais desoladoras as noticias que nos chegam [...] a secca estende os seus desastrosos effeitos por todo interior da bella província do Ceará, um vasto deserto árido sem uma gota d’agua para refrescar o sol gretado pela violencia do calor, sem um ramo verde para abrigar as populações abrasadas nos delirios febris da miseria, a atonia morbida e desesperada da fome [...] sem esperanças [...] abandonam o lar e emigram allucinadas [...] essa migração falla-nos com a eloquencia da dor do sofrimento que a desenraizou da terra do berço.²⁰

O trabalho do seringueiro dentro dos seringais amazônicos está diretamente relacionado com o clima da região. Percebemos notícias diferenciadas sobre a vivência do seringueiro, a partir do período de cheia dos rios onde acontece a comercialização do produto da borracha, e no período de vazante dos rios na extração do látex.

O Jornal “O Correio do Purus”, traz uma notícia sobre o inverno amazônico no ano de 1905, em que as fortes chuvas daquele ano acabaram por influenciar mais que o devido, a produção da borracha, que invariavelmente, será o seringueiro que sentirá o primeiro impacto:

É muito possível que repetidas chuvas cahidas de outubro pra cá influam muito na produção da borracha, no Rio Purus e afluentes, e, se elas cahirem com igual violencia em outros rios sentir-se-á sensivelmente o decrescimento d’esse genero de exportação. No Rio Purus houve dias, nas ultimas semanas, em que o seringueiro viu-se obrigado a suspender, totalmente, o seu trabalho.²¹

Em seu artigo, “O Trabalhador Amazonense no Discurso Patronal”, Alexandre Avelino, nos apresenta pela fonte de um diário da imprensa de Manaus, a tensão entre patrões e seringueiros na ambiência dos seringais. No Jornal “O Mariauense”, do proprietário Coronel Antonio Nogueira de Campos, um abastado dono de seringais em Barcelos/Am, o seringueiro é representado no discurso patronal:

Se os seringueiros se empregassem no plantio de cereaes, durante os sete mezes que não são destinados ao trabalho da borracha, teriam a paz e a fortuna. Fazem o contrario, desperdiçam o tempo, gastão-no em diversões condenadas

²⁰ *A Constituição*. Belém do Pará, 01 de Junho de 1877.

²¹ *O Correio do Purus*. Labrea, 08 de Dezembro de 1905.



**I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021**



e quando chega o fabrico da borracha elles, por mais que trabalhem, não podem pagar pello que gastaram no longo e pesados mezes que não foram illuminados pello trabalho... queixam-se do patrão, affirmando que elle vende tudo pelo mais alto preço e por isso estão em atrazo, quando o atrazo vem de llonga vadiagem e da sociedade que é promotora de todas as podridões.²²

Percebemos por esse discurso, que de maneira geral, os seringueiros eram sempre vistos pelo patrão como indivíduos vagabundos e promíscuos sempre inclinados aos vícios da vida, e assim eram perigosos para a sociedade, ela a detentora dos valores morais, além disso, podemos observar, o que o patronato afirma, ao dizer que se o seringueiros fossem ordeiros e comprometidos com o trabalho nos meses do inverno, das chuvas, “teriam paz e fortuna”, mas sabemos que mesmo que isso acontecesse não era uma regra geral, mas sim exceção, apenas uma minoria distinta alcançou riqueza e prosperidade, e não foi necessariamente por ter “plantado cereaes” na época das chuvas, mas por fatores diversos. A grande maioria dos seringueiros nunca enriqueceu.

É interessante destacar aqui um fragmento, do que podemos chamar de uma poesia utópica, encontrada numa extensa crônica no jornal “O Correio do Purus” a respeito da opressão dos seringalistas sobre os seringueiros nos seringais da região, já no grande auge da borracha:

Doutrinando-se, poder-se-ia dizer ao proprietario de seringaes: a natureza do solo amazonense, a sua cultura marginal dos rios, destacando-se para longe dos centros de civilização, deram-te um poder, copia fiel desse outro medieval em que o nobre tinha, á discrição, a vida bens e hora dos servos: – tu tens melhor preparo para a existencia, com a facilidade com que te deslocas cada dia vaes aprendendo o que seja a sociedade, a humanidade em summa, porque motivo não levantas de sua degradação physica e moral o teu operário – o seringueiro – que é a pedra angular desse edificio de tua fortuna? Porque motivo o explora, tu, com a inclemencia do agiota, illudidor da fé e defraudador da lei?²³

Na mesma crônica temos outro fragmento, no qual percebemos que o diário, ou quem o escreve, também responsabiliza o seringueiro em sua inércia, por aceitar com resignação o estado no qual se encontra, sem atitude e mobilização de luta, que poderiam lhes trazer maior

²² *O Mariauense*. Manaus, 29 de Abril de 1897. Apud AVELINO, Alexandre Nogueira. *O Trabalhador Amazonense no Discurso Patronal*. In: *Fronteiras do Tempo: Revista de Estudos Amazônicos*, nº3, jan-dez 2012. p.31.

²³ *O Correio do Purus*. Labrea, 16 de Junho de 1907.



**I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021**



respeito, embora imaginar isso de forma geral também possa parecer utópico, e muito mais complexo:

Ao operário, dir-se-ia, também: Erque-te pela economia, ennobrece-te pelo trabalho e torna-te forte pela instrução; as horas que perdes, inutilmente, nas longas tardes estivaes, quer na inercia que depaupera, quer nos divertimentos onde te nasce o vicio do alcool, debes applicar ao estudo de tua língua pátria, à comprehensão dos deveres cívicos afim de que, melhorando, possas senão nivelar-se ao teu patrão, ao menos adquirir o seu respeito e estima.²⁴

Quando lemos na fonte “ergue-te pela economia”, é impossível não lembrar dos motins e levantes que Edward Thompson descreve em “A economia moral da multidão inglesa no século XVIII”,²⁵ pois vemos claramente o quanto é significativo e transformador quando uma classe de trabalhadores alcança a consciência de classe, não apenas vivida, mas percebida, ao ponto de mudarem juntos a situação em que se encontram.

No “Diario Official”, é noticiado o que o por muitas vezes os agentes dos seringais ainda tinham que enfrentar, o contato com índios cruéis e assassinos. Na notícia há um abaixo assinado feito por donos de seringais no Rio Madeira, solicitando “garantia de vida e propriedade” ao Dr. Fileto Pires Ferreira,²⁶ Governador do Estado do Amazonas, visto que os habitantes desses seringais lutavam há mais de trinta anos contra uma tribo de Parintintins:

[...] estes indios teem levado o atrevimento ao ponto de atacarem os barracões da margem do Madeira [...] considerando que ainda no anno passado succumbiram fechados nas margens do Madeira, cinco infelizes deste seringal [...] considerando que os moradores da dita zona estão abandonando os seus seringaes, devido as periodicas aggressões dos terriveis indios, que este anno já mataram uma infeliz mulher nas “Tres Casas”, e um seringueiro no lugar São Pedro. Considerando que não é só a fortuna particular que soffre com este abandono de seringaes e sim o Estado que tão dignamente v. exc^a administra [...] considerando que os Parintintins temem sobre modo a tribo dos Mundurucús, que só com sua presença os afungentará [...] veem cheios de esperança e justa razão pedir a v. exc^a que estabeleça uma colonia de indios Munducurús [...] somente nos seis primeiros meses [...] um anno depois de

²⁴ Ibidem.

²⁵ THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum*. São Paulo: Companhia da Letras, 1998. p.152.

²⁶ Fileto Pires Ferreira foi governador do Amazonas, de 23 de julho de 1896 a 4 de abril de 1898. O Teatro Amazonas foi inaugurado durante sua administração, em 31 de dezembro de 1896.



**I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021**



estabelecida a colônia o aumento da safra da borracha será tal que o Estado será embolsado do capital [...] Rio Madeira, 19 de Novembro de 1896.²⁷

Essa extensa notícia que aqui fragmentamos alguns trechos, nos mostram com clareza o que a população dos seringais amazônicos enfrentava com as populações indígenas. Embora o abaixo assinado trace claramente os interesses dos donos dos seringais, é possível perceber nas entrelinhas, por assim dizer, que possivelmente os seringueiros enfrentavam o conflito com os índios ao ponto de serem mortos, ou de abandonarem os seringais. Ao final do abaixo assinado encontramos a resposta do Governador Fileto Pires Ferreira, que parece ignorar, embora não explicitamente, a sugestão feita de remanejamento dos índios Mundurucús (os Parintintins temiam os Mundurucus, pois já eram civilizados) para uma espécie de colônia no período de extração e trabalho da borracha, garantindo assim a “fortuna” dos seringais e do Estado na compensação do capital investido na resolução do problema. Vejamos o que responde o governador após mais de seis meses do abaixo assinado:

O governo não recusa seu apoio a idéia dos signatarios e promptifica-se a patrocinar todo e qualquer tentamen que tenha por fim salvaguardar os interesses dos habitantes do alto Madeira. Assim, os signatarios que se congreguem para a realização do que propõe e o governo os coaljuvará como for de justiça. Apresentem um plano exequível e bem delineado e o governo depois de estudal-o convenientemente dirá ao certo quaes os favores que pode dispensar aos peticionarios. Palacio do Governo, 21 de Junho de 1897 – Fileto Pires Ferreira.²⁸

Encontramos relatos diversos sobre a vivência do seringueiro, sempre marcado por experiências profundas em um contexto carregado de contradições sociais as quais são ignoradas e desconsideradas por alguns historiadores da chamada “cultura historiográfica” amazonense.²⁹ Mas são objetos de estudo e análise, pois chegam até nós como histórias carregadas de representações as quais revelam o processo de formação da identidade de pessoas

²⁷ *Diário Oficial*. Manaus, 24 de Junho de 1897.

²⁸ *Ibidem*

²⁹ PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. *Na contramão da história: mundos do trabalho na cidade da borracha (Manaus, 1920-1945)*. In: *Revista Canoa do Tempo*, v.1, n.1, Jan/dez.2007. p.15. Nesse artigo o historiador Luís Balkar elenca entre alguns historiadores, Mário Ypiranga e Arthur Reis, que narram uma historia regional positivista, conservadora e elitista, efetiva e sem contestação, mesmo sem o aval das novas interpretações acadêmicas da História. Com um discurso de ordem, essa cultura historiográfica amazonense ignora as demandas e vivências populares, quando não, as despreza e rejeita como irascíveis, impertinentes e equivocadas.



comuns, aqui em destaque o seringueiro, tal como na conceituação de Marc Bloch, de que toda vivência humana é portadora de uma história.³⁰

O Jornal do Commercio reúne muitas dessas histórias, dentre elas destacamos aqui uma história intitulada “Vingança Trágica”, nos apresentando com certos detalhes as intrigas e desavenças entre dois seringueiros, companheiros de ofício, mas não de amizade:

Outra scena de sangue temos a registrar, hoje, desenrolada num dos antros do seringal *Retiro*, que fica á margem do Rio Acre. Alli viviam os seringueiros José da Silva Ramos e Anísio Gomes Brandão, ambos empenhados no serviço de extracção de gomme elastica, porem separados pelo ódio incontido de velhas rixas pessoas, à semelhança das que sempre surgem entre os homens educados na escola da ignorancia. Ramos, que sempre se revelara um individuo de mau character, architectara um plano com o fim de prejudicar seu companheiro de trabalho. Penetrara no terreno safaro da mentira ignominiosa e, sem o mínimo decoro, dissera ao seu patrão que Anísio estava falsificando a borracha, com o fim de deslindar o credito do seringal. O patrão, como é natural, ficou prevenido com Anísio, mas, dias depois, examinando escrupulosamente a sua borracha, verificou que não tinha fundamento a queixa de José Ramos. Sciente do embuste e ainda mais revoltado com um acto infame com que seu inimigo procurara profanar a honra de seu lar e o brio de sua família, Anísio resolveu, servindo-se para isso de um unico alvitre: a eliminação da vida de José Ramos, antes que elle incidisse em outros processos de mais grave afronta á sua familia. E, assim, pela manhã de vinte e outo de setembro ultimo, quando Ramos demandava uma estrada, rumo do trabalho, Anísio, que se achava occulto numa arvore, desfechou-lhe um tiro de rifle no craneo, que o matou instantaneamente. Após o facto, o criminoso evadiu-se deixando a família no seringal, na ignorancia do seu paradeiro. A vitima era natural de Pernambuco e contava trinta e nove annos de idade.³¹

Nesse mesmo dia o jornal “A capital”, também relatou o mesmo episódio, mas com um ou outro detalhe a mais, como por exemplo, o fato de que Ramos ainda procurou Anísio para se desculpar dizendo que “havia dado ao patrão todas as explicações que lhe tinham sido exigidas”.³² Ao que parece, na descrição acima, no termo “ato infame”, Anísio ainda tenha dissimuladamente, a partir do pedido de desculpas tentado se aproximar da família, ou da própria mulher de Ramos, com o desejo ainda impertinente, libidinoso e lascivo de “profanar a honra de seu lar e o brio de sua família. A solução encontrada por Ramos, era “a de um único

³⁰ VAINFAS, Ronaldo. *História das mentalidades e história cultural*. In: VAINFAS, Ronaldo & CARDOSO, Ciro Flamarion (org). *Domínios da história*. SP: Campus, 2011, p.143-195.

³¹ *Jornal do Commercio*. Manáos, 13 de Outubro de 1917.

³² *A Capital*. Manáos, 13 de Outubro de 1917.



alvitre” matar Anísio, isso era por assim dizer natural, considerando o contexto no qual viviam. A história de Ramos e Anísio é simbólica nesse sentido, pois ocorreram inumeráveis crimes dessa natureza dentro dos seringais amazônicos. Mesmo assim tal episódio ainda nos intriga, a saber, que Ramos tenha evadido-se do seringal abandonando sua família, como se ela já não fosse digna de tanta honra assim.

O Jornal “Capital” traz em seu interior muitas notícias associadas a tragédias envolvendo o seringueiro em sua relação com outros seringueiros e outros agentes na ambiência do seringal. Aqui vamos destacar duas fontes que dão cor à relação que o seringueiro tem com a mulher, esta considerada como riqueza escassa na ambiência do seringal e por isso, pivô de muitas disputas sentimentais entre os próprios seringueiros.

Ainda veremos noticiada na imprensa uma última história da vivência dos seringais no que se refere à relação do homem com a natureza, pois o seringueiro nordestino que vai se adaptando e assimilando este novo ambiente geográfico, acaba tendo que lidar com situações no mínimo inusitadas e hilárias, embora também possam ser trágicas, tal como disse o poeta: “Seria cômico se não fosse trágico”.³³ O Jornal “A Capital” nos informa sobre uma forte ventania passada no seringal, que acabou por colocar uma anta como protagonista principal de uma história, que tem por título “No Rio Machado – Incendio de uma barraca e morte de um homem”:

O seringueiro Luiz Moreira da Silva, residente na secção “Tabajara” no rio Machado, de propriedade da firma Asensi & C^a, fez, no dia 15 de Agosto findo, um roçado perto à sua barraca. Aproveitando o dia 16, que era de sol ardente e bom para a queima da roça, Moreira tocou fogo ao matto e esperou o resultado. A princípio, o fogo foi sempre queimando, até o dia 19; no dia seguinte, cahia sobre o lugar um temporal medonho; vento rugia com fúria, açoutando as arvores e dando mais impulso ao fogo. Por volta das 24 horas, estando Moreira, deitado na barraca, em companhia de sua mulher e 4 filhos menores, viu irromper, através das palhas, uma língua de fogo, e, em breve era a barraca invadida pela chammass. Moreira apenas teve tempo de retirar a família, deixando entregue á furia destruidora das labaredas, a barraca e tudo quanto nella existia. Gritando por socorro, acudiram ao chamado varias pessoas, entre elas o seringueiro de nome Miguel de tal. Moreira possuía e estimava uma pequena anta. Na hora do incendio o pobre animal tratou de fugir; já ia logrando este intento, quando Miguel, vendo a, tratou de perseguil-

³³ A frase é atribuída a Carlos Drummond de Andrade como um aforismo, significando uma sentença concisa, que geralmente encerra um preceito moral.



a. O animal embrenhou-se pela mata e Miguel sempre atrás não mais voltando. No dia seguinte, grande foi a surpresa dos vizinhos, ao encontrar, dentro de um buraco, no meio do roçado, o inditoso Miguel, tendo debaixo de seu corpo a pequena anta, ambos mortos.³⁴

Essa tragédia possui subsídios e fragmentos que chamam a nossa atenção. No rio Machado, a queima de uma roça em dia bom para esse fim, dá início a um incêndio generalizado, graças a uma ventania de temporal, que pelo que percebemos entra pelas horas da noite, afugentando com chamas, em sua própria casa, o seringueiro Moreira, responsável pela queimada e dono de uma anta. Ao que parece ser, esse animal, como representação valorosa, deveria ter um significado especial para um seringueiro, que no caso, Moreira ainda a “estimava”. Não bastasse a família do Moreira ter sido salva do incêndio, embora que tenha perdido “a barraca e tudo que nela existia”, e talvez por isso, seu vizinho e provavelmente amigo Miguel de tal, tenha considerado que salvar aquela anta traria menos desgosto e sofrimento ao Moreira, a tragédia se torna maior ainda, como vimos, no que parece ter sido um ato heroico de Miguel, morrem amigo e anta dentro de um buraco, possivelmente um precipício não visto na escuridão da noite, nem por Miguel e nem pela estimada anta.

Conclusão

O seringueiro bem como tudo que o envolve, pode ser pesquisado em um campo com vastas fontes e documentos que se tornam representações com muitos aspectos simbólicos e distintos a serem analisados. Dessa forma podemos demonstrar, por assim dizer, a legitimidade da pesquisa em torno desse sujeito social, e que longe de se esgotarem os estudos sobre ele, ainda há um vasto campo e muitos possíveis temas de estudos a serem desenvolvidos a cerca do seringueiro na História.

Euclides da Cunha afirma em seu texto “Entre os Seringais” que ali “o homem é um solitário”.³⁵ Embora possamos buscar entender o quanto isso era legítimo e verdadeiro sob o olhar de Euclides, bem como daqueles que assim testemunham, jamais perderemos a oportunidade de ouvir as vozes e as experiências do seringueiro, pois, é certo que ele falava, mesmo que estivesse só. Ao ouvi-lo podemos nos tornar seu companheiro, tentando, mesmo

³⁴ A *Capital*. Manáos, 27 de Setembro de 1917.

³⁵ CUNHA, Euclides. *Amazônia – Um paraíso perdido*. Manaus: Valer, 2ª Ed. 2011. p.221.



que tateando as folhas antigas dos jornais, conhecer e compreender suas representações do passado.

A partir das pequenas letras dos jornais de uma distante época, de vidas passadas, de mentalidades de outro tempo, esse estudo traz a compreensão da frase de A. Warburg: “Deus está no particular”,³⁶ que encerra a compreensão do paradigma indiciário de Carlo Ginzburg, que significa a ampliação do campo de observação, com atenção nos detalhes, que se tornam elementos ricos e reveladores dentro dos caminhos e descaminhos da história.

Como dissemos no início sob inspiração thompsoniana, podemos encontrar na classe trabalhadora, aqui em especial, na representação do seringueiro a possibilidade de contar uma história vista de baixo,³⁷ aquilo que geralmente estava pronto para ser esquecido, histórias de gente comum, experiências de homens e mulheres na construção de sua própria história. Isso engrandece nosso papel como historiador, bem como disse Eric Hobsbawm, “o ofício do historiador é lembrar o que os outros esquecem”.³⁸ Aqui, talvez possamos até ampliar essa máxima, afirmando que o ofício do historiador é lembrar o que muitos “desejam” esquecer. Repensar a História, neste sentido, é incorporar a ideia de que o papel social dos historiadores da história do trabalho é contribuir para o resgate das práticas adotadas pela classe trabalhadora em seu interminável processo de construção de identidade.

Referências Bibliográficas

CHARTIER, Roger. *O mundo como representação. Estudos avançados* 11(5), 1991.

CUNHA, Euclides da. *Amazônia – Um paraíso perdido*. Manaus: Valer, 2ª Ed. 2011.

DAOU, Ana Maria Lima. *A Cidade, o Teatro e o Paiz das Seringueiras: práticas e representações da sociedade amazonense na virada do século XIX*. Tese de Doutorado, 1998. UFRJ: Rio de Janeiro, 1998.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2ª Ed. 2002.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2ª Ed. 1995.

³⁶ GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2ª Ed. 2002. p.143.

³⁷ THOMPSON, E. P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2001. p.185.

³⁸ HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2ª Ed. 1995. p.12.



**I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021**



AVELINO, Alexandre Nogueira. *O Trabalhador Amazonense no Discurso Patronal*. In: *Fronteiras do Tempo: Revista de Estudos Amazônicos*, nº3, jan-dez 2012.

OLIVEIRA, José Aldemir de. *Manaus de 1920-1967: A cidade doce e dura em excesso*. Manaus: Valer, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. São Paulo: Autêntica, 2008.

PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. *Na contramão da história: mundos do trabalho na cidade da borracha (Manaus, 1920-1945)*. In: *Revista Canoa do Tempo*, v.1, n.1, Jan/dez.2007.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *A Cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no porto de Manaus (1889-1925)*. Manaus: EDUA, 1999.

_____. *Folhas do Norte: letramento e periodismo no Amazonas, 1880-1920*. São Paulo, 2001. Doutorado em História, 2001. PUC-SP, 2001.

SAMPAIO, Patrícia Maria Melo. *Os Fios de Ariadne: tipologia de fortunas e hierarquia sociais em Manaus: 1849-1880*. Niterói, 1993. Dissertação de Mestrado, 1994. UFF: Niterói, 1994.

SANTOS, Roberto. *História Econômica da Amazônia (1800-1920)*. São Paulo: Quairós, 1980.

SOUZA, Gisele Elaine de Araújo Batista. et al. *Movimentos Sociais dos Seringueiros e a RESEX Chico Mendes: a cada conquista, persiste a necessidade das lutas* In: *Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural*. Porto Alegre, 26 á 30 julho de 2009.

THOMPSON, E. P. *A formação da Classe Operária Inglesa*. Vol.1 São Paulo: Paz e Terra, 6ª ed. 2011.

_____. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2001.

_____. *Costumes em Comum*. São Paulo: Companhia da Letras, 1998.

VAINFAS, Ronaldo. *História das mentalidades e história cultural*. In: VAINFAS, Ronaldo & CARDOSO, Ciro Flamarion (org). *Domínios da história*. São Paulo: Campus, 2011.

FONTES DOCUMENTAIS

A Capital. Manáos, 04 de Fevereiro de 1918.

A Capital. Manáos, 08 de Outubro de 1917.

A Capital. Manáos, 13 de Outubro de 1917.

A Capital. Manáos, 27 de Setembro de 1917.

A Constituição. Belém do Pará, 01 de Junho de 1877.

Commercio do Amazonas. Manáos, 04 de Dezembro de 1877.



**I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021**



Commercio do Amazonas. Manáos, 15 de Julho de 1875.

Diário Oficial. Manáos, 24 de Junho de 1897.

Diário Oficial. Manáos, 30 de Outubro de 1895.

Jornal do Commercio. Manáos, 13 de Outubro de 1917.

O Correio do Purus. Labrea, 08 de Dezembro de 1905.

O Correio do Purus. Labrea, 16 de Junho de 1907.

O Mariauense. Manaus, 29 de Abril de 1897.

Quo Vadis? Manaus, 04 de Março de 1903.

Quo Vadis? Manaus, 06 de Março de 1903.